

O MST NO MOMENTO POLÍTICO ATUAL. SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS*

Ademar Bogo**

Não quero projetar as pessoas e sim a organização, que é a síntese de todas as pessoas. Qualquer pessoa que estivesse aqui, representando a nossa organização, certamente receberia esta mesma atenção que vocês estão dando. ... A mídia tem procurado destacar uns 3 ou 4, mas essa não é a nossa política (projetar 1 ou 2), porque é muito fácil destruir uma organização, quando ela se fixa em poucos líderes.

Nós estamos fazendo uma reflexão muito grande dos últimos 3 anos pra cá, porque a gente se deu conta (não que somos um movimento importante) mas se deu conta de que só poderemos permanecer, subsistir à situação atual em que se encontra o País, ... aos enfrentamentos com o governo, ... se tivermos a capacidade de qualificar o movimento.

A nossa preocupação está baseada na política que iremos traçar para os próximos anos e que tem 3 linhas fundamentais. Depois apresento para vocês quais são as tarefas que a gente acha que são fundamentais, que a gente abraça.

A primeira linha de ação que nós queremos desenvolver, que queremos continuar, é dar continuidade a essa obra de resgate do ser humano na sociedade brasileira. Nós entendemos (e é por isso que não temos muito medo) que os Sem-terras, Sem-teto e os Sem-emprego já desceram ao último degrau do estrato social da sociedade. Já não têm para onde ir. A exclusão social chegou ao limite e o que vier daí para frente, tudo é vantagem, já que o resgate a gente já está recuperando. Nós temos

* Pronunciamento de Ademar Bogo, no Seminário O MST NO MOMENTO POLÍTICO ATUAL. SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS, realizado no CRH/UFBa, sob a coordenação do Prof. Antonio Dias, em 20/10/98.

** Membro da Direção do Movimento dos Sem-Terra Nacional.

uma imagem muito interessante ... que representa a realidade humana atual como se fossem esqueletos de pessoas já deterioradas, como se fossem ossos humanos que a gente está resgatando, acrescentando a ele estrutura física, de carne, músculo e num segundo momento todo o conhecimento que o ser humano deve ter para ter dignidade. Nós achamos que essa obra tem que ser continuada, não podemos parar ... não podemos temer repressões ou qualquer investida do governo porque não existe outro caminho. A única forma de libertar o ser humano da miséria é a luta de classes. Não há outra alternativa, então queremos nos últimos anos avolumar muito mais a mobilização, fazer ocupação de terras, mobilizações, com caráter ainda reivindicatórios, ... aí você tira o acúmulo de forças dessas pessoas que estão excluídas.

O capitalismo vem numa ofensiva, inaugura a era descartável e com isso descarta o ser humano também. Ninguém mais reivindica ninguém, os trabalhadores já não têm mais a quem recorrer, então só podem recorrer a uma organização social. Nós queremos que se proliferem outros movimentos sociais e vamos incentivar para que isso aconteça e continue.

A segunda linha de ação que nós queremos desenvolver, aperfeiçoar, é a ocupação dos espaços na sociedade. Nós não queremos ter um movimento que se vincule à prefeitura, que se vincule ao governo, nós queremos ocupar espaços que possibilitem ao movimento social alcançar todos os espaços possíveis. Então, certamente, vocês têm uma curiosidade (que vamos debater depois), sobre as eleições.

As eleições para nós ... é um espaço que existe na sociedade para ser ocupado. Ela já se transformou em parte da consciência social do povo brasileiro: tem uns que sonham que chegue a eleição porque poderão resolver alguns problemas pessoais; outros, porque querem ser candidatos ... e nós acreditamos que o movimento social, para ser forte, não pode se negar a participar. Ele tem que estar presente. Nós queremos participar, mas não é preciso gastar toda a energia nisso. Temos outros aspectos, outros espaços que a gente precisa ocupar: seja espaço da educação, educação das nossas crianças para se incluírem nas escolas, principalmente nas rurais, escolas de pequenos proprietários que a gente possa influir com a nossa “pedagogia do sem-terra”, para educar e formar novas gerações estudando; espaço da solidariedade na sociedade; espaço de influir e de passar o que a gente tem de bom, seja o nosso método de organização, seja nossa experiência de formação de quadros para outros movimentos sociais e de lutas, inclusive de outras categorias, na socie-

dade. É o espaço do protesto contra o governo, que faz uma provocação à sociedade, no caso da privatização. Nós achamos que não devemos ficar parados porque a nossa identidade é com a reforma agrária. Nós achamos que é importante lutar, independente do que se vai alcançar. Temos que manifestar que a gente é contra aquilo que o governo está fazendo, que a gente não concorda, embora o governo tenha classificado a gente como partido político porque acrescentamos reivindicações que não fazem parte do caráter da nossa organização. Mas nós acreditamos que devemos lutar porque somos cidadãos brasileiros e tudo que afeta nossa Pátria, nosso País, afeta, desrespeita, a nossa continuidade de vida como seres humanos. Para dar continuidade ... do espaço que aprendemos na sociedade, nós queremos ocupar, ajudar a influir para que de fato possa se criar uma nova geração de cidadãos brasileiros.

A terceira linha que nós queremos trabalhar, é para formar novos seres humanos. A gente se deu conta que a conquista, simplesmente, da terra para a pessoa trabalhar; que a transformação de um latifúndio em pequenas propriedades privadas, que é a grande maioria dos nossos assentamentos (porque o camponês tem essa vontade de ser proprietário), isso só não leva a nada. É uma luta em vão, porque num primeiro momento se faz uma conquista muito significativa, mas, num segundo momento, você corre o risco de perder toda essa conquista que teve, pela forma como a gente se apossa da conquista e isso não vai construir uma sociedade diferente. **O que constrói uma sociedade é a mudança de caráter das pessoas, é a mudança de conduta das pessoas.** Nós acreditamos que temos uma grande responsabilidade, não porque somos um movimento conhecido pela sociedade, mas porque nós temos a condição imediata para a transformação. Nós temos os meios fundamentais para transformar as pessoas, **que é a conquista do espaço físico, geográfico, e, nesse espaço geográfico, temos autonomia de criar tudo que a gente quer, por isso nós acreditamos que não se transforma o ser humano simplesmente, com conhecimentos, teorias.** Ele se transforma através da própria consciência e da convivência social. A consciência social do ser humano é produto da convivência social, então é essa consciência que queremos formar, transformando o meio em que as pessoas vivem. **Nós temos essa possibilidade porque a gente consegue conquistar latifúndios e transformar esse latifúndio em área produtiva, em uma área onde se possa dar condições de vida às pessoas e formar uma nova comunidade, uma nova convivência entre as pessoas.** Então, o espaço que queremos ocupar nos próximos anos e intensificar (fala-se muito em ecologia, movimento ecológico) ... nós acreditamos que a ecologia está a serviço da vida,

então queremos que a área de assentamento, desenvolva a defesa da ecologia, reeducando e recuperando o meio ambiente. As áreas que a gente encontra devastadas, a nossa política é de reflorestar essas áreas, não basta apenas pregar que se deve ter uma consciência ecológica ou uma consciência ambiental mais desenvolvida. Nós temos a possibilidade, essa condição imediata justamente associada à conquista da terra e se não virão esses aspectos, de nada vale a luta pela reforma agrária. De que vale fazer os enfrentamentos que a gente vem fazendo com a polícia, se a vitória vai se diluir no oportunismo e nessa falta de identidade coletiva? Por isso é um risco muito grande essa proliferação do movimento de luta pela terra, que se cria em cima simplesmente da idéia da conquista da terra. É um risco muito grande, porque são esforços que serão desperdiçados e são vidas humanas colocadas em risco sem ter perspectiva de mudança. **A nossa identidade tem que ser retomada**, reformulada em cima de outros paradigmas que não esses tradicionais de luta pela terra. Nós mesmo cometemos erros no passado, tendo em vista a falta de amadurecimento das condições necessárias para a gente propor alguma diferenciação no processo de conquista da terra no Brasil.

Baseado nessas 3 linhas políticas nós temos **5 grandes tarefas para serem desenvolvidas nos próximos anos.**

A primeira grande tarefa é resgatar o espírito de luta do povo brasileiro. As conquistas que tivemos até aqui foram feitas através de lutas. Foi através de insistência, persistência cotidiana. Aprendemos que se a gente parar de insistir, de pressionar ... a gente pára de crescer. Houve no Brasil muito recente (todos vocês conhecem e participaram de movimentos muito significativos com esse espírito de luta), lutas revolucionárias procurando conquistar uma sociedade melhor, mas o poder do capital, o poder governamental, imperialista, acabou derrotando e tirando da mão da gente muitas bandeiras políticas que eram significativas, que orientavam a gente. Mas nós acreditamos que isso não pode ser o fim da história. Precisamos retomar as lutas sociais através das necessidades que os seres humanos têm. Onde tiver uma necessidade, deve ser criado um movimento social: por exemplo, a falta de casa. A moradia é uma necessidade, deve se unir para que haja um movimento de moradia; a falta de escola é uma necessidade imediata, então tem que se criar um movimento em torno disso; a falta de emprego, essa necessidade, vocês sabem, é mais urbana do que rural. Nós achamos que precisamos resgatar esse espírito de luta: o movimento

estudantil, o movimento dos professores e de todas as pessoas que acreditam que o futuro tem que ser diferente. Nós não podemos ver o nosso País ser destruído e a gente ficar lamentando, achando que não temos força para reagir. A gente se basta por essa insistência, nós vamos continuar fazendo ocupações de terras, porque esse é o caminho prá gente fazer a reforma agrária ou pelo menos um pedaço dela, não vamos conseguir fazer toda. Nós não queremos que a sociedade copie a gente, mas que a sociedade, as pessoas passem a desenvolver uma luta de autodefesa dos direitos sociais e humanos. Então onde existir gente oprimida, gente passando necessidade, estaremos ajudando, emprestando nosso ombro para que se possa avançar.

A segunda grande tarefa compete mais a nós do que aos restantes. Nós queremos e devemos **apresentar soluções para resolver os problemas sociais do Brasil**. Não basta fazer reivindicações sem apresentar soluções concretas. Não basta reivindicar terra se a gente não resolve o problema do trabalho. No futuro nós temos vários assentamentos que ainda não evoluíram, porque a conquista de terra ainda não chegou a ser um fator determinante para gerar trabalho para as pessoas que estão desocupadas. Nós queremos apresentar à sociedade essa possibilidade: que a gente não precisa de grandes tecnologias, de tecnologias de ponta, de muitos conhecimentos para produzir feijão e arroz. É preciso dar as condições mínimas para as pessoas produzirem. Nós já vimos isso com a simples conquista da terra, porque o maior problema do povo brasileiro é comida, é alimentação, e como é que se resolve o problema da alimentação? Através do trabalho na agricultura. Então, eu acho que ainda devemos uma explicação do resultado dessa luta toda que nós fizemos: há muita produção nos assentamentos, mas há pouca divulgação desses produtos. Nós queremos, nos próximos anos, intensificar a produção, qualificar a produção e espalhar a agroindústria no campo, pequenas agroindústrias familiares, coletivas, cooperativas. Que elas possam servir como referência para a sociedade; descobrir que é possível na cidade, também, inventar pequenas iniciativas que venham resolver o problema do trabalho. Então, associada a isso, o que nós queremos intensificar no Brasil, é mostrar para o Brasil que o modelo de desenvolvimento adotado pelo atual governo, pelos governos anteriores e pelo imperialismo americano, não nos trás soluções dos problemas sociais para os países subdesenvolvidos. Então nós queremos levantar uma discussão na sociedade brasileira, para **formular um novo projeto**, que parta das condições que a gente tem no País ... que a gente possa partir da realidade que a gente tem para gerar trabalho, gerar emprego, para construir casas para as

peessoas morarem, para distribuir a terra para as pessoas produzirem, educar as pessoas nas escolas, com tudo que a gente tem de conhecimento, aqui no Brasil. Nós não dependemos de país rico nenhum para desenvolvermos o nosso País. Nós temos todas as condições possíveis aqui: nós temos terra, temos clima bom, água em todo o País, temos mão-de-obra à vontade, temos tecnologia que já foi inventada e não está sendo utilizada na agricultura. A EMBRAPA e a EMATER fizeram pesquisa a vida toda e nunca chegaram ao pequeno proprietário, nunca chegaram na agricultura para a gente desenvolver a produção. Então, o que se fez aqui no Brasil foi copiar o que se inventou nos EUA e usar os insumos e os venenos que vem da *Bahyer* orientados pela Alemanha. **Nós queremos um novo modelo de agricultura**, e isso é possível de se fazer, se fizermos um novo modelo de agricultura. Nós não podemos importar, nós temos de criar e isso é possível de se fazer em todos os aspectos, que possam trazer mais dignidade ao povo brasileiro. E é possível partindo da realidade do brasileiro, sem depender do dinheiro, empréstimos, das orientações do FMI e dos países ricos. Essa discussão nós já estamos fazendo e fizemos com as marchas que organizamos no Brasil com 72 colunas. A imprensa boicotou a divulgação dessas marchas. Cortamos todos os estados do Brasil, do interior para a capital, saímos dos lugares mais distantes, aqui na Bahia saímos de Itabatã, divisa com o Espírito Santo e viemos andando até Salvador. Ela foi mais significativa do que a marcha que fizemos em 17 de abril, em Brasília. Colocamos 100 mil pessoas em Brasília com outras entidades que nos apoiaram. Colocamos 15 mil pessoas caminhando 35 dias e a imprensa não divulgou, porque houve uma orientação do Planalto para não divulgar, porque “pegaria”, num período forte de eleição e isso ia desmoralizar o governo. Isso poderia ser um embrião de uma grande mobilização popular e levaria o Lula senão à vitória, pelo menos ao 2º turno. Então eles acabaram escondendo o feito, talvez o maior que o Movimento dos Sem-terra já conseguiu organizar nos últimos anos. Por isso que passou meio despercebido, mas a discussão que a gente fez pelas cidades onde a gente passou, ela foi bastante significativa porque a gente discutia quais eram os problemas que o povo tinha. O povo vinha para contar o que estava sentindo, quais as providências que deveríamos tomar para resolver imediatamente esses problemas. Eu acho que foi uma forma pedagógica muito importante: os camponeses puderam ver a miséria da cidade, que muitas vezes ele não analisa e o povo da cidade pôde também perceber o que de bom, o que de esperança já temos construído no Brasil. Então podemos dar continuidade. Essa é uma grande tarefa que não depende só dos

Sem-terras, depende de todos as pessoas que têm um mínimo de consciência política e que se colocam contra esse atual modelo de desenvolvimento, que o Brasil adotou.

A terceira tarefa é dar continuidade à nossa política de **formação de quadros, com uma mística revolucionária**. Nós descobrimos que um quadro se forma através do estudo da ciência e através da prática. Existem momentos que precisamos priorizar a ciência e momentos que precisamos priorizar a prática, dependendo da situação concreta. O que não se pode é dissociar uma coisa da outra, porém, no caminho ... a experiência de formação, não se pode formar, não se pode estudar ciência se a gente não tiver dentro do coração essa mística, essa vontade, uma razão clara do que a gente deve alcançar e nós descobrimos isso muito fácil. Nós adquirimos algumas teses do marxismo, que para nós foi fundamental, da Sagrada Família de Marx, Engels ... a história ... é o ser humano, perseguindo seus próprios objetivos, por isso é um ser humano que sabe o que quer da vida, sabe o que quer alcançar ... isso trouxe para nós uma consciência maior. Não podemos formar nosso militante se a gente não tiver estabelecido onde se quer chegar, **essas pessoas precisam ter clareza do que vão fazer porque é a vida delas que está em jogo, é a história de cada um que está sendo posta em risco**, não podemos perder tempo na vida sem ter construído muita coisa ... Estou querendo desenvolver essa mística, esse gosto pelo símbolo, esse gosto pela cor. Nós temos uma paixão muito grande pela cor vermelha, porque ela é uma referência, uma referência da humanidade, da classe trabalhadora. Muito me surpreende a esquerda ignorando justamente aquilo que é símbolo, que é a cor da bandeira, colocando um azulzinho, um vermelhinho, para dizer que são as cores da Bahia, deixando de lado o símbolo que fez a história do movimento operário nesse País e, de certa forma, foi referência para outras lutas no mundo inteiro. Militante que não tem gosto, que não tem clareza, que não tem sensibilidade do que significam as coisas, claro que ele não vai ter atração, não tem razão para lutar. De nada vale lutar, ter muitos conhecimentos na cabeça, se não tem essa paixão agregada a esse tipo de vida que a gente quer ajuntar, a curto, médio e longo prazo. Para nós a mística vem vinculada a essas 2 coisas: ao estudo e à prática social, então é um novo tipo de militante político que a gente precisa criar no País, sem negar todos os avanços que tivemos no passado com outras organizações, sem querer questionar métodos. Esse é o nosso conhecimento, nossa experiência e queremos evoluir, justamente, nesse caminho, para que a gente possa fazer o que acredita ... aí é muito difícil mesmo ... cai o muro de Berlim, não cairá em cima da gente: a gente não está na sombra dele,

nós estamos longe, fazendo outras coisas, que certamente possibilitarão o avanço da transformação social.

A quarta grande tarefa é essa que eu citei anteriormente, que é **implantar valores, vários sentidos mais vinculados à nossa realidade, à nossa prática social.** Então a sociedade capitalista, a burguesia, ao longo do tempo, acabou substituindo alguns valores que são fundamentais ou dando outro sentido (ao contrário daquilo que a gente quer que seja o valor) e inventaram que estão em crise. O capitalismo sempre defendeu o valor da família como célula mãe da sociedade, mas o próprio capitalismo se encarregou de destruir a família, as pessoas da mesma família já não se reconhecem mais, um filho estuda medicina, outro advocacia e outro é traficante de drogas. Então a referência aos valores é fundamental. Já não dá mais para a família, porque as pessoas não se encontram mais na família, elas têm horário certo de trabalhar, elas têm lugares diferentes de lazer, costumes diferentes e isso acaba destruindo a família, então que valor é esse que o capitalismo prega? O valor da fraternidade e, que foi um dos grandes pilares das Revolução Francesa? Que fraternidade o capitalismo fez? O valor da competitividade? Você tem que competir, mostrar que é o melhor ... Como você vai mostrar que é o melhor, virar operário-padrão, se não tem emprego? Então o capitalismo acabou destruindo todos os valores que se pregavam e a gente acabou ficando sem referencial. Então nós queremos resgatar isso ... e nós só conseguiremos resgatar, na medida que a gente se organiza. **O valor da solidariedade** que é, justamente, fazer doação de alguma coisa da gente em prol da coletividade, seja doação de sangue, doação de força física, seja de conhecimento, enfim ... se é para melhorar a vida das outras pessoas. Então a gente precisa implementar um valor significativo para nós. Talvez seja infantilidade nossa querer dizer aqui que pregamos o valor da beleza, não porque a gente acha que é um valor que precisa ser feito por acaso, mas porque nós acreditamos que a classe trabalhadora foi educada ou acostumada a não admirar, não aproveitar, não usufruir da beleza, principalmente a gente, que trabalha na terra. Então é costume do camponês estar sempre sujo; sujaram as mãos e passam na roupa; sujaram as roupas ... e têm pessoas que já perderam a noção de que dia da semana é, não trocam a roupa no sábado, no domingo, uma roupa melhor... (antigamente a gente fazia muito isso) ele usa a mesma roupa ou usa a roupa suja. Nós achamos que um ser humano para ter dignidade tem que se desenvolver em todos os aspectos, então a aparência da pessoa tem que mudar. A qualidade de vida da pessoa tem que mudar. Não é buscar o luxo pelo luxo, é mudar para

melhor e o significado maior está na transformação do ambiente físico do assentamento. Então as pessoas ocupam os latifúndios e acabam, em muitos lugares, descurando da aparência do latifúndio. Ele não se transforma numa comunidade, numa propriedade com diferentes valores, com diferentes formas de utilizar, inclusive, a propriedade. Nossa briga com os assentamentos do Sul é que eles usam muitos insumos químicos. Nós queremos que se desenvolvam insumos orgânicos para desenvolver a produção, mas com a pressa de produzir logo, eles acabam entrando no mesmo ritmo da agricultura tradicional: mecanização pesada, insumos químicos. E na aparência estética do assentamento, nas casas que as pessoas constroem e na jardinagem que deve ser feita, no plantio diário, a beleza do assentamento tem que chamar atenção, por isso a gente destaca a beleza como um valor fundamental que precisa ser resgatado ... e os nossos assentamentos tem que entender isso.

Então a gente está em campanha permanente todo o mês. A gente inventa uma data significativa (até o dia de Nossa Senhora Aparecida foi um dia significativo para plantar árvores), para criar motivos para as pessoas começarem a ter motivos para se mobilizarem em torno desses aspectos, que dão melhor qualidade de vida para essas pessoas, e garantirem uma vida melhor no futuro. Ainda tem uma infinidade de valores ... agora, estamos nessa política de adoção de menores de rua, que é uma forma de defesa de vida humana: nessa marcha em Salvador acabamos adotando 10 meninos de rua: que tomaram a marcha. Quando acabou eles já tinham se familiarizado e não tinham para onde ir. Acabamos levando para o assentamento. Para a gente não tem nenhum problema de criar mais um filho ... estamos acostumados a famílias grandes, mas isso tem que se tornar uma política, nós não queremos apenas adotar essas crianças menores, para que venham morar com a gente, porque a gente sabe que elas têm mais problemas que os nossos filhos, por causa da deterioração da educação. Nós queremos criar escolas específicas, com pedagogos qualificados, para que a gente possa educar essas crianças e que se criem junto das nossas, sem medo que elas possam atrapalhar a conduta dos nossos filhos.

A quinta tarefa é inovar a forma de comunicação com a sociedade, porque nós achamos que a nossa defesa fundamental, **nossa proteção maior está no povo, na sociedade, não naqueles que fazem as lutas simplesmente.** Mas aquelas pessoas que defendem a gente, que têm uma opinião favorável à reforma agrária e ao MST.

Você nunca vai fazer uma revolução no País, se a sociedade não assumir e não quiser fazer essa revolução. Então não basta ter boas idéias, não basta ter boas intenções, ter elementos fundamentais se a conjuntura se apresentar em crise; a economia em crise; o Estado em crise; se a sociedade não se der conta que ela tem o poder da transformação. Muitas pessoas pergunta: por que vocês não usam armas? porque não é importante ... importante é a mobilização popular, então nós queremos estabelecer um diálogo com a sociedade e o diálogo deve vir em diferentes aspectos, desde esse intercâmbio que a gente tem com a produção. Nós temos que provar à sociedade que nossos alimentos têm menos agrotóxicos, são de melhor qualidade e são vendidos por um preço mais baixo que o mercado vende. Em alguns lugares a gente consegue fazer isso, mas isso ainda não se generalizou. Então, precisamos evoluir ... estamos treinando para isso.

Outro aspecto da comunicação é esse **da solidariedade com a sociedade**, não só entre nós. Nós acreditamos que na medida em que a pessoa adota o valor da solidariedade a pessoa se transforma, transforma seu caráter, transforma sua consciência através do gesto. Então a força que a gente está fazendo, em algumas cidades do interior, nós estamos **adotando cidades para melhorar a aparência da cidade**: tanto na limpeza pública, como na arborização, quanto na jardinagem, como no aspecto da organização da população em bairros. Isso é uma forma de educar o nosso povo assentado, para não ficar isolado na sua terra ou dentro do assentamento, mas também para manter um diálogo com a sociedade. As pessoas têm o poder de transformar. Então, na medida que a gente já tem essa experiência, a gente deve colocá-la à serviço da sociedade. Ela já é patrimônio da classe trabalhadora brasileira ... para doar essa força, esse conhecimento, para que a sociedade possa aprender e se beneficiar desse pouco que a gente tem.

Em alguns lugares do Brasil a gente está organizando creches nas cidades e doando alimentos, porque é muito difícil para a gente que vive da agricultura (e muitos vão para a cidade raramente), a gente não percebe os problemas que têm na cidade. E não é o egoísmo do camponês que o impossibilita de ser solidário. **É a falta de oportunidade, de criar oportunidade para ele ser solidário.**

Então para nós não se cria dificuldade nenhuma em se fazer coleta de alimentos ... pelo trabalho individual, trabalho coletivo, as pessoas têm esse gosto de doar as coisas. Então é possível **organizar o destino dessas doações**, de forma que possamos

ver o resultado. Estas são coisas, nos aspectos da comunicação, que nós achamos. Ela não pode ser apenas uma discussão, uma agitação. Isso é um aspecto da comunicação, chamar o povo para se mobilizar, depois volta para casa e acabou ... Queremos estabelecer um diálogo permanente e vamos investir muito nas rádios comunitárias, porque nós achamos que é uma das contradições que o sistema de comunicação burguês criou (porque quem vai se apoderar desse instrumento será também os pobres). Através desse mecanismo de comunicação criamos uma relação mais afetiva com a sociedade. Nós temos 2 rádios aqui na Bahia. Tem programa que tem a maior audiência na cidade. Nós queremos que ela tenha 100% de audiência o dia todo. Ainda falta muita mão-de-obra para alcançar isso ... mas é um dos aspectos que tem que ser aproveitado para poder se dialogar com a população. A população tem que se sentir dona ou pelo menos beneficiada por esse serviço. O último aspecto da comunicação é a parte da assistência à sociedade, estabelecendo com a FIOCRUZ a experiência de fabricação de medicamentos, para que a gente possa produzir nossos próprios medicamentos, os básicos para curar as doenças mais fáceis.

No nosso entendimento isso não pode ser uma conquista somente dos “Sem-terras”. Nós queremos reproduzir isso para a sociedade urbana: oferecer remédio para população urbana. Nós queremos que as pessoas possam aproveitar dessas conquistas que a gente está tendo: fazendo convênio com médicos em Itamaraju; convênios com médicos da prefeitura, para que os médicos trabalhem nos assentamentos, para ser médico da família e queremos que se alastre para as comunidade pobres do interior. O MST está trazendo médico para atender às necessidades do povo do interior.

Nós acreditamos num movimento assim ... onde todo mundo entenda sua função, sua tarefa e faça sua transformação nos passos pequenos que pode dar diariamente. A nossa perspectiva é que possamos partilhar isso com a sociedade, envolver mais gente no apoio, na ajuda direta, para que a gente possa crescer e ter mais força de resistência. Nas investidas de distribuição do movimento, temos uma preocupação, temos quase certeza que o 2º governo de FHC, vai ser diferente do 1º. Ele destruiu o sindicato dos petroleiros logo no início do governo porque acabou seqüestrando todos os bens que o sindicato tinha: hoje praticamente não existe mais. Ele destruiu a CUT praticamente porque acabou elevando o nível de desemprego no Brasil e enfraqueceu o sindicato; ele acabou com o movimento dos funcionários

públicos, que acabou por um longo tempo sem ter aumento salarial; acabou com os partidos políticos porque não tiveram uma estratégia correta, enfrentando o governo dentro do parlamento. Acredito que **sobramos nós**. Não porque somos os melhores, porque a nossa forma de se esconder, talvez seja mais oportuna e a gente não tenha o que perder ... então não fica com muito medo de se mobilizar. Chegou ao limite da tolerância que eles podem dar ao nosso movimento, porque com a crise econômica que vem aumentando a recessão, é possível que tenha muita gente que não queira aceitar pacificamente esse determinismo prepotente que o governo está estabelecendo e não querendo aceitar, volte a se mobilizar e a gente possa fazer um movimento social muito grande no Brasil. Essa pelo menos é a nossa esperança positiva, mas com muito sacrifício.

A nossa defesa, a nossa vontade de crescer, de lutar, nasce dessa possibilidade da sociedade se organizar e começar a marchar junta para conquistar os seus objetivos de imediato. Inicialmente era isso que eu queria colocar para vocês.